

QUESTÕES SOBRE A REPETIÇÃO EM DELEUZE E FREUD: a repetição presente na filosofia e na psicanálise

Vandilson Ferreira dos Santos¹

Questions about repetition in Deleuze and Freud: repetition present in philosophy and psychoanalysis

Resumo:

O artigo tem como objetivo abordar a questão da repetição tomando como base a obra de Deleuze "Diferença e repetição" a partir das referências que faz aos textos de Freud sobre a repetição. A proposta é construir meios de expor o primeiro trabalha as questões que o segundo apresenta, indicando concordâncias e discordâncias entre estes autores. Começaremos abordando os primórdios da questão da repetição a partir do que é apresentado por Deleuze em relação ao que Platão considera como simulacro. Posteriormente, iremos abordar as ideias apresentadas por Deleuze sobre a repetição, presente na obra supra-citada, de forma tratar da semelhanças e diferenças dos textos de da teoria de Freud no seu livro Além do princípio do prazer.

Palavras-chave: Repetição; Simulacro; Platão; Deleuze e Freud.

Abstract:

The article aims to address the issue of repetition based on Deleuze's work "Difference and Repetition" from the references he makes to Freud's texts on repetition. The proposal is to build means of exposing the first works the questions that the second presents, indicating agreements and disagreements between these authors. We will start by approaching the beginnings of the question of repetition from what is presented by Deleuze in relation to what Plato considers as simulacrum. Subsequently, we will approach the ideas presented by Deleuze about repetition, present in the aforementioned work. in order to deal with the similarities and differences of the texts of Freud's theory in his book Beyond the Pleasure Principle.

Keywords: Repetition. Simulacrum. Plato. Deleuze and Freud.

1. Graduando no curso de filosofia pela UFCA ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6697-7338>

1. INTRODUÇÃO

A metodologia utilizada na construção de artigo será formada partindo da leitura e comparação dos textos antemão estudado, estes sendo alguns capítulos dos livros *Diferença e repetição*, *Logica do Sentido* e *Nietzsche* e a filosofia estes escritos por Deleuze e por contraparte a esses escritos trechos específicos de *Alem do princípio do prazer* e *recordar, repetir e elaborar*, este sendo do Freud, e junto com textos de apoio compostos por artigos, vídeos que desenvolvem questões sobre a repetição e discursões relacionadas a essa temática.

As fundamentações serão sustentadas na análise das ideias apresentadas por Deleuze e em torno do que Freud elaborou em torno do conceito de repetição. ambos produziram textos, nos quais a questão da repetição tem grande enfases; sendo assim, buscando a construção de um paralelo entre seus pensamentos. A partir deste ponto, abordaremos o início da questão através de Platão e sua teoria das ideias, posteriormente a isso, começarão a apresentação, apresentaremos como Deleuze promove sua leitura do conceito de repetição em Freud.

Deleuze ao tratar da sua maneira própria de pensar o conceito de repetição, não deixa de nos surpreender por divergir do que habitualmente consideramos. O conceito de repetição, para este autor, não é o que normalmente utilizamos; é comum confundirmos repetição com generalização, Deleuze afirma que a repetição não é a generalidade. Onde a generalização busca replicar o mesmo; a repetição é o retorno de algo que se expressa do modo sempre singular e diferente. Após esse início, falaremos um pouco sobre o eterno retorno apresentado por Nietzsche em que sua a teoria tem grandes semelhanças com a própria teoria do simulacro de Platão; a partir das leituras de Deleuze promoveu em relação aos dois autores. Em seguida, trataremos de relacionar como a compulsão à repetição, abordada por Freud possibilita entendermos como as relações entre filosofia da diferença e psicanálise podem gerar muitas pesquisas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A primeira representação do que podemos determinar com repetição para a filosofia pode ser tida como o simulacro de Platão ou sua teoria das ideias, com isso podemos dizer que sua teoria se baseia em trazer a diferença. O ponto de partida de nosso trabalho para pensarmos a repetição será sustentado na leitura que Deleuze faz da Teoria das Ideias de Platão. Nesta, encontramos as distinções entre a Ideia em si, a qual é modelo, o paradigma, para que as partições das coisas sensíveis possam ser configuradas como boas e más copias, se as mesmas copiam de modo fiel ou não tais modelos. Distinguir a "ideia" em si que só pode ser vislumbrada a partir do mundo das ideias de suas copias, más-copias e simulacros.

Os simulacros, meramente, refregas, aparências de copias, pois somente traz em uma semelhança exterior aos modelos. Após, tomarmos tais orientações, através da leitura que Deleuze faz do método dialético em Platão, considerando que o método das divisões, sustenta uma seleção dos pretendentes. Tomadas às devidas bases, podemos dizer que o intuito da elaboração de sua teoria das ideias parte do propósito de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más copias, fazendo a separação das boas copias e dos simulacros que representam a aversão total à Ideia original. Exemplificando, podemos dizer que o Político é o pastor dos homens. Contudo, quanto mais longe o verdadeiro político ou o pretendente bem fundado se afastam de sua ideia base vai ocorrendo uma deterioração de valores, ate chegamos aos simulacros que podemos dizer que representam elementos que pastoram simplesmente seus próprios interesses.

Se dizemos do simulacro que e uma cópia de cópia, um ícone infinitamente degradado, urna semelhança infinitamente afrouxada, passamos a margem do essencial: a diferença de natureza entre simulacro e cópia, o especto pelo qual formam as duas metades de uma divisão. A cópia e uma imagem dotada de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança. o catecismo, tao inspirado no platonismo, familiarizou-nos com esta noção: Deus fez o homem, a sua imagem e semelhança, mas, pelo pecado, o homem perdeu a semelhança embora conservasse a imagem. Tornarmo-nos simulacros, perdemos a existência moral para entrarmos na existência estética. A observação do catecismo tem a vantagem de enfatizar o caráter demoníaco do simulacro. Sem dúvida, ele produz ainda um efeito de semelhança, mas e um efeito de conjunto, exterior, e produzido por meios

completamente diferentes daqueles que se acham em Ação no modelo, o simulacro e construindo sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude. Eis por que não podemos nem mesmo defini-lo com relação ao modelo que se impõe as cópias, modelo, do Mesmo do qual deriva a semelhança das cópias. Se o simulacro tem ainda um modelo, trata-se de outro modelo, um modelo do outro de onde decorre uma desse semelhança interiorizada. (DELUZE, 1974, p. 263)

A repetição em Platão pode ser pensada de dois modos: uma que é a repetição do mesmo, mas que jamais coincide com o mesmo, sendo apenas uma semelhança, nunca alcançando a identidade plena; outra, que somente a fim de copiar o mesmo, que somente busca a semelhança, portanto é torna-se uma aparência de semelhança, tendendo para a simulação. O segundo tipo de repetição segue um caráter degenerativo onde quanto mais se produz de modo simulado, cópias da ideia originária, mais ela se afasta de seu propósito originário, levando conseqüentemente ao seu estado final de o simulacro, onde a essência inicial está corrompida. Fazendo a repetição elaborada por Platão parecida como o caráter desenvolvido por Deleuze. Onde ambas as cópias para Platão e repetição para Deleuze trazem consigo que todo elemento replicado traz uma diferença ou uma mudança. A proposta é trabalhar como Deleuze faz a leitura de Platão em torno da seleção dos pretendentes para empregá-la nas considerações em torno da repetição pensada por Platão. Vejamos a seguinte citação:

Em termos muito gerais, o motivo da teoria das Ideias deve ser buscado do lado de uma vontade de selecionar, de filtrar. Trata-se de fazer a diferença. Distinguir a "coisa" mesma e suas imagens, o original e a cópia, o modelo e o simulacro. Mas estas expressões todas serão equivalentes? o projeto platônico só aparece verdadeiramente quando nos reportamos ao método da divisão. Pois este método não é um procedimento dialético entre outros. Ele reúne toda a potência da dialética, para fundi-la com uma outra potência e representa, assim, todo o sistema. (DELUZE, 1974, p. 259)

Primeiramente, antes de abordarmos a questão central da repetição em Deleuze devemos fazer um paralelo entre a repetição e generalidade.

A repetição não é a generalidade. De várias maneiras deve a repetição ser distinguida da generalidade. Toda fórmula que implique sua confusão é deplorável, como quando dizemos que duas coisas se assemelham como

duas gotas d'água ou quando identificamos "só há ciência do geral" e "só há ciência do que se repete". Entre a repetição e a semelhança, mesmo extrema, a diferença é de natureza. (DELUZE, 2006, p. 19)

A leitura de Deleuze em torno da repetição, nos permite continuar afirmando que a generalidade pode ser definida como um conjunto de objetos semelhantes que compartilham características e conceitos comuns; assim, tomando como exemplo o ser humano em comparação com os demais animais, eles se diferenciam daqueles pelo raciocínio e se assemelham aos indivíduos de sua espécie por compartilhar com estes da racionalidade. Contudo, a generalização apresenta ramificações sobre seu próprio conceito, tomando por base dois caminhos: a ordem qualitativa das semelhanças e a ordem quantitativa das equivalências. Vejamos a citação do próprio Deleuze sobre este aspecto:

A generalidade apresenta duas grandes ordens: a ordem qualitativa das semelhanças e a ordem quantitativa das equivalências. Os ciclos e as igualdades são seus símbolos. Mas, de toda maneira, a generalidade exprime um ponto de vista segundo o qual um termo pode ser trocado por outro, substituído por outro. A troca ou a substituição dos particulares define nossa conduta em correspondência com a generalidade. Eis porque os empiristas não se enganam ao apresentar a ideia geral como uma ideia em si particular, à condição de a ela acrescentar um sentimento de poder substituí-la por qualquer outra ideia particular que se lhe assemelhe sob a relação de uma palavra. (DELUZE, 2006, p. 19-20).

Os cuidados que buscamos trazer, para não confundirmos os sentidos da repetição, remetem ao que Deleuze acrescenta quando se aproxima do pensamento de Freud a fim de trazer novas questões para o debate filosófico contemporâneo em torno da diferença. A repetição não pode ser confundida apenas com a diferença conceitual, a qual é própria da generalidade; mas sim, buscamos apresentar a diferença enquanto conceito.

Nós, ao contrário, vemos bem que a repetição só é uma conduta necessária e fundada apenas em relação ao que não pode ser substituído. Como conduta e como ponto de vista, a repetição concerne a uma singularidade não trocável, insubstituível. Os reflexos, os ecos, os duplos, as almas não são do domínio da semelhança ou da equivalência; e assim como não há substituição possível entre os verdadeiros gêmeos, também não há possibilidade de se trocar de alma. Se a

troca é o critério da generalidade, o roubo e o dom são os critérios da repetição. Há, pois, uma diferença econômica entre as duas. (DELUZE, 2006, p. 19–20).

A pesquisa segue orientada referencial teórico, apresentado anteriormente; podemos afirmar que o caráter de repetição, elaborado na visão de Deleuze como um objeto insubstituível em sua essência, onde algo que é observado tem seu valor único e singular; por exemplo, uma árvore em aparência pode ser semelhante a outras milhares de árvores, porém, todos os elementos formadores que contribuem para que ela é singularmente, apenas de ser conceituada dentro de uma diferença conceitual enquanto a classifica dentro do gênero vegetal e apresentando sua diferença para as demais espécies de árvores.

Com isso podemos estabelecer que o conceito apresentado sobre a repetição na obra "Diferença e repetição" difere do daquele normalmente utilizado através da palavra repetição. O sentido de repetição para Deleuze não está ligado ao conceito de reprodução de objetos semelhantes que compartilham características comuns, mas à produção de uma singularidade, por isso afirma que não podemos confundir a diferença conceitual com a diferença enquanto conceito. Deleuze sublinha que repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. A repetição tornasse a base do pensamento construído por Deleuze para a ideia do que será determinado como diferença.

Portanto, ao termos indicado a teoria do simulacro de Platão, tivemos o cuidado em salientar o papel do eterno retorno em Nietzsche. O simulacro está conectado ao eterno retorno e no eterno retorno que se encontra o que entendemos como a reversão das ideias e subversão do mundo representativo, o conteúdo manifestado no eterno retorno pode ser visto conforme o platonismo em geral: ele representa como o caos e organizado sob o campo das ideias que lhe impõe seu caráter semelhante. Fazendo do eterno retorno, neste sentido, o elemento que determina a cópia do eterno.

[...] o segredo do eterno retorno é que não exprime de forma nenhuma uma ordem que se opõe ao caos e que a submete. Ao contrário, ele não é nada além do que o caos, potência de afirmar o caos. Há um ponto no qual Joyce não é nietzschiano: quando mostra que o vício de recirculação não pode afetar e fazer girar um "cosmos". A coerência da representação, o eterno retorno substitui outra coisa, sua própria cao-errância, que, entre o eterno

retorno e o simulacro, há um laço tão profundo, que um não pode ser compreendido se não pelo outro. O que retorna são as séries divergentes enquanto divergentes, isto é, cada qual enquanto desloca sua diferença com todas as outras e todas enquanto complicam sua diferença no caos sem começo nem fim. O círculo do eterno retorno e um círculo sempre excêntrico para um centro sempre descentrado. Klossowski tem razão de dizer do eterno retorno que é "um simulacro de doutrina": ele é realmente o Ser, mas somente quando o "ente" e simulacro, o simulacro funciona de tal maneira que uma semelhança e retroprojetada necessariamente sobre suas séries de bases. É uma identidade necessariamente projetada sobre o movimento forçado. O eterno retorno é, efetivamente, o Mesmo e o Semelhante, mas enquanto simulados, produzidos pela simulação, pelo funcionamento do simulacro. E neste sentido que ele subverte a representação, que destrói os ícones: ele não pressupõe o Mesmo e o Semelhante, mas, ao contrário, constitui o único Mesmo daquilo que difere, a única semelhança do desemparelhado. (...) o que seleciona são todos os procedimentos que se opõem a seleção. O que exclui, o que não faz retornar, e o que pressupõe o Mesmo e o Semelhante, o que planeja corrigir a divergência, recentrar os círculos ou ordenar o caos, dar um modelo e concretizar uma cópia. Por mais longa que seja sua história, o platonismo não decorre senão uma só vez e Sócrates cai sob o cutelo. Pois o Mesmo e o Semelhante tornam-se simples ilusões, precisamente a partir do momento em que deixam de ser simulados. (DELUZE, 1974, p. 269–271)

O eterno retorno e o simulacro apresentam uma profunda aproximação quando compreendido um pelo outro. O ser é eterno retorno e o ente é simulacro. O que retorna são as séries divergentes enquanto divergentes, isto é, cada qual enquanto desloca sua diferença. As séries de diferença que se repetem são o movimento do eterno, somente as semelhanças diferem enquanto as diferenças se assemelham, complicando suas diferenças no caos sem começo nem fim. Por sua vez o simulacro funciona de tal maneira que uma semelhança e necessariamente sobre séries de repetições singulares. O eterno retorno é, pois, efetivamente o Mesmo e o Semelhante, mas enquanto simulados, produzidos pela simulação, pelo funcionamento do simulacro (vontade de potência).

Com isso Nietzsche apresenta o Eterno retorno como expressão imediata da vontade de potência, e diz que eleva o que se quer a enésima potência e extrai sua forma superior graças à singularidade da repetição no próprio eterno retorno, o eterno retorno não significa a permanência do mesmo, ou o estado de equilíbrio, nem a permanência do idêntico, assim o que retorna, retorna

como singularidade daquilo que é único e que não pode ser explicado, mas contemplado e experimentado.

O eterno retorno, segundo Nietzsche, não é de modo algum um pensamento do idêntico, mas um pensamento sintético, pensamento do absolutamente diferente que reclama fora da ciência um princípio novo. Esse princípio é o da reprodução do diverso enquanto tal, o da repetição da diferença. [...] no eterno retorno, não é o mesmo ou o uno que regressam, mas o eterno retorno é ele próprio o uno que se diz do diverso e do que difere. (Deleuze, 2001, p. 72).

A repetição produz consigo a potência, e como a ideia do eterno retorno de que tudo volta, a repetição tem uma potência que faz com que ela volte sempre, enquanto a generalização elimina a potência do retorno, por só produzir elementos que equivalem a ela mesma, logo eliminando as diferenças.

A simulação assim compreendida não é separável do eterno retorno; pois é no eterno retorno que se decidem a reversão dos ícones, a subversão do mundo representativo. Ai, tudo se passa como se um conteúdo latente se opusesse ao conteúdo manifesto. o conteúdo manifesto do eterno retorno pode ser determinado conforme ao platonismo em geral: ele representa então a maneira pela qual a caos é organizado sob a Ação do demiurgo e sobre o modelo da Ideia que lhe impõe a mesmo e a semelhante. o eterno retorno, neste sentido, e a devir Louco controlado, mono centrado, determinado a copiar a eterno. E desta maneira que ele aparece no mito fundador. Ele instaura a cópia na imagem, sobordina a imagem e semelhança. Mas, longe de representar a verdade do eterno retorno, este conteúdo manifesto marca antes sua utilização e sua sobrevivência mítica em uma ideologia. que não a suporta mais e que perdeu a seu segredo. E Justo lembrar quanta a alma grega, em geral, e a platonismo em particular repugnam ao eterno retorno tomado em sua significação latente. E preciso dar razão a Nietzsche quando trata a eterno retorno como seu próprio ideia. vertiginosa, que não se alimenta senão em fonte dionisiaca esotérica, ignoradas a recaldeadas pelo platonismo. Certamente, as raras exposições que Nietzsche faz a respeito ficam no conteúdo manifesto: a eterno retorno como a Mesmo que faz voltar a Semelhante. (...) No eterno retorno, e preciso passar pelo conteúdo. manifesta, mas somente para atingir ao conteúdo latente situado mil pés abaixo (caverna par traz de toda caverna...) Então, que parecia a Platão não ser mais do, que um efeito estéril revela em si a inalterabilidade das máscaras, a impassibilidade dos signos. (DELUZE, 1974, p. 269)

A partir das perspectivas de Deleuze acerca da repetição, partiremos para a segunda parte desse artigo, tomando como base o enfoque de Freud quanto às ideias apresentadas no texto Além do princípio do prazer. Nestas considerações, trataremos de primeiramente dizer dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise que são: o inconsciente, a transferência, a pulsão e a repetição. Contudo nosso foco maior será na questão da repetição.

Sem dúvida, encontra-se aí em causa todo o jogo psicanalítico, isto é, amoroso, da repetição. A questão está em saber se se pode conceber a repetição como se efetuando de um presente a outro, um atual e o outro antigo, na série real. Neste caso, o antigo presente desempenharia o papel de um ponto complexo, como de um termo último ou original que permaneceria em seu lugar e exerceria um poder de atração: ele forneceria a coisa a ser repetida, ele condicionaria todo o processo da repetição, mas, neste sentido, ele seria independente deste processo. Os conceitos de fixação e de regressão, como também o de trauma, de cena original, exprimem este primeiro elemento. Deste modo, o processo da repetição se conformaria, em direito, ao modelo de uma repetição material, bruta e nua, como repetição do mesmo: a ideia de um "automatismo" exprime aqui o modo da pulsão fixada, ou antes, da repetição condicionada pela fixação ou pela regressão. E se este modelo material é de fato perturbado e recoberto por todo tipo de disfarces, mil travestimentos ou deslocamentos, que distinguem o novo presente do antigo, isto acontece apenas de maneira secundária, se bem que necessariamente fundada: a deformação, na maior parte dos casos, não pertenceria nem à fixação, nem à própria repetição, mas se juntaria a elas, se superporia, viria necessariamente vesti-las, mas como que de fora, explicando-se pelo recalque que traduz o conflito (na repetição) do repetidor com o repetido.(...)Mesmo e sobretudo a concepção freudiana do instinto de morte, como retorno a matéria inanimada, permanece inseparável, ao mesmo tempo, da posição de um termo último, do modelo de uma repetição material e nua, do dualismo conflitual entre a vida e a morte. (DELUZE, 2006, p.153).

A partir do que foi apresentado acima, afirmamos o papel da repetição na vida psíquica como elemento de regressão, elemento do trauma. Fazendo surgir o valor da repetição e o seu caráter de pulsão de rememoração ou elemento recalado e claro dos sintomas que esse traz consigo. Pensando a repetição através da psicanálise, com isso a repetição enquanto elemento de conexão entre o passado traumático e seu momento atual; um exemplo muito claro e lúdico nos é apresentado no filme "Brilho eterno de uma mente sem lembranças " no filme em questão: nosso protagonista foi submetido a um

tratamento de apagamento de certas memórias vividas em um relacionando recente, contudo ao sofrer esse procedimento certas memórias recalçadas de sua infância retornam de forma traumática, onde aos rememora-las estas vem com um especto diferente, em que o individuo que vivencia o trauma, porem este já possui uma outra forma corpórea; ele não e mais a criança que o vivenciou; mas sim, sua versão adulto, porem o trauma é o mesmo enquanto o sofrimento equivale ao que fora sofrido ainda em sua infâncias fazendo assim a conexão direta do passado traumático com o seu presente recalçado.

Foram frequentemente sublinhadas as dificuldades de se pensar o processo da repetição. Se se consideram os dois presentes, as duas cenas ou os dois acontecimentos (o infantil e o adulto) em sua realidade separada pelo tempo, como poderia o antigo presente agir à distância sobre o atual e modelá-lo, se deve receber deste, retrospectivamente, toda sua eficácia? E se se invocam as operações imaginárias indispensáveis para preencher o espaço de tempo, como estas operações não absorveriam em última análise toda a realidade dos dois presentes, deixando subsistir a repetição apenas como a ilusão de um sujeito solipsista? Mas, se é verdade que os dois presentes são sucessivos, a uma distância variável na série dos reais, eles formam antes de tudo duas séries reais coexistentes em relação ao objeto virtual de outra natureza, que não deixa de circular e de se deslocar nelas (mesmo que os personagens, os sujeitos que efetuam as posições, os termos e as relações de cada série permaneçam, por sua vez, temporalmente distintos). A repetição não se constitui de um presente a um outro, mas entre duas séries coexistentes que estes presentes formam em função do objeto virtual (objeto = x). É porque circula constantemente, sempre deslocado em relação a si mesmo, que ele determina, nas duas séries reais em que aparece, neste caso, entre os dois presentes, transformações de termos e modificações de relações imaginárias. (DELUZE, 2006, p.155-156)

As sequencias das discussões em torno do conceito de repetição segue o que já fora apresentado em relação ao que Freud procurou transpor para o espaço e tempo do acontecimento traumático, colocando o individuo diante de seu elemento de recalque; a repetição aparece aqui no inconsciente, sendo determinado perante o saber ou lembrar, o inconsciente em suas representações, sendo a partir deste especto que Freud constrói seus trabalhos com intuito de dar significado aos recalques, compulsões e repetições.

A repetição só se constitui com e nos disfarces que afetam os termos e as relações de séries da realidade;

mas isto se dá porque ela depende do objeto virtual como de uma instância imanente a que é próprio, antes de tudo, o deslocamento. Não podemos, então, considerar que o disfarce se explique pelo recalque. Ao contrário, é porque a repetição é necessariamente disfarçada, em virtude do deslocamento característico de seu principio determinante, que o recalque se produz como uma consequência que incide sobre a representação dos presentes. Freud sentia isso muito bem quando procurava uma instância mais profunda que a do recalque, mesmo que a concebesse ainda do mesmo modo, como um recalque dito "primário". Não se repete porque se recalca, mas se recalca porque se repete; e, o que dá no mesmo, não se disfarça porque se recalca, recalca-se porque se disfarça, e se disfarça em virtude do foco determinante da repetição. Assim como o disfarce não é segundo em relação à repetição, a repetição também não é segunda em relação a um termo fixo, supostamente último ou originário. Com efeito, se os dois presentes, o antigo e o atual, formam duas séries coexistentes em função do objeto virtual que se desloca nelas e em relação a si mesmo, nenhuma das duas séries pode ser designada como sendo a original ou a derivada. Elas põem em jogo termos e sujeitos diversos, numa intersubjetividade complexa, cada sujeito devendo seu papel e sua função em sua série à posição intemporal que ocupa em relação ao objeto virtual. (DELUZE, 2006, p.156)

Com todas as perspectivas já apresentadas podemos colocar a repetição a partir da psicanálise, e principalmente para Freud, como esse elemento de disfarce. Do conjunto de elementos que recalcamos e só relembramos a partir de compulsões e repetições, tornando com isso a repetição o mecanismo essencial para se curar dos elementos traumáticos, tornando a repetição esse elemento que nos leva ao sofrimento psíquico, porém nos fornece o mecanismo que possibilita buscar a cura para esses mesmos traumas.

A compulsão à repetição e a satisfação prazerosa direta dos impulsos parecem se entrelaçar aí em íntima comunhão. Os fenômenos da transferência estão manifestamente a serviço da resistência do eu, que insiste no recalçamento; a compulsão à repetição, da qual o tratamento queria fazer uso, é, por assim dizer, puxada para si pelo eu, que quer se aferrar ao princípio de prazer. Nisso que se poderia chamar de compulsão do destino, muitas coisas nos parecem compreensíveis por meio da reflexão racional, de maneira que não se sente a necessidade de instaurar um novo e misterioso motivo. O mais insuspeito é talvez o caso dos sonhos com acidentes, mas, pensando melhor, é preciso admitir que também nos outros exemplos

o estado de coisas não é abrangido pela ação dos motivos que conhecemos. Restam coisas suficientes para justificar a hipótese da compulsão à repetição, e esta nos parece mais originária, mais elementar e mais determinada pelos impulsos do que o princípio de prazer, que ela desloca para o lado. Porém, se existe uma tal compulsão à repetição no psíquico, gostaríamos de saber algo sobre a função à qual corresponde, sob que condições pode se manifestar e em que relação se encontra com o princípio de prazer, ao qual, no fim das contas, atribuímos até agora o domínio sobre o fluxo dos processos excitatórios na vida psíquica. (FREUD, 2020, p. 97-98)

Tomadas as bases já estabelecidas partimos que Freud constrói seus estudos sobre a repetição dando a ela um caráter de força pulsante que nos faz retornar a algo que foi recalçado, fazendo assim a repetição esse elemento de retorno mas não um retorno comum mas sim um retorno traumático o que recalcamos tem seus motivos para terem sido recalçados foi recalçado para nos fazer seguir em frente em nossas vidas, contudo este não é apagado somente recalçado em nosso inconsciente e esse vai lutar para retornar trazendo consigo o esquecimento de impressões, cenas, vivências reduz-se em geral a um Bloqueio, atos falhos, compulsões que vieram a se repetir e gestos inconscientes dando assim indícios de que algo não está correto fazendo o indivíduo retornar finalmente ao que foi recalçado, e assim buscar uma resolução para esse trauma.

No entanto, o principal meio de domar a compulsão de repetição do paciente e transforma-la num motivo para a recorda o esta no manejo da transferência. Tornamos esta compulsão inofensiva, e até mesmo útil, ao reconhecer-lhe o seu direito, ao lhe permitir vigorar num determinado âmbito. Nos admitimos na transferência, como numa arena em que lhe facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde a obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando. Quando o paciente se mostra solícito a ponto de respeitar as condições básicas do tratamento, conseguimos normalmente dar um novo significado de transferência a todos os sintomas da doença, substituindo sua neurose ordinária por uma neurose de transferência, da qual ele pode ser curado pelo trabalho terapêutico. Assim a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para a outra. O novo estado assumiu todas as características da doença, mas representa uma enfermidade artificial, em toda parte acessível a nossa interferência. Ao mesmo tempo a uma

parcela da vida real, tornada possível por condições particularmente favoráveis, porém, e tendo uma natureza provisória. Das reações de repetição que surgem na transferência, os caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, que após a superação das resistências se apresentam sem dificuldade. (FREUD, 1994, p.153-154)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões em que chegamos de modo aberto, pois continuaremos nestas pesquisas, tais problemas nos levam sempre para novas indagações, pelas podemos concluir que a repetição não está na extrema semelhança, nem tão pouco na exatidão do que é trocado. A repetição para Deleuze apresenta consigo uma memória onde os elementos que se repetem trazem dissonâncias entre seu estado atual e sua versão antiga. Fazendo que toda nova repetição leve consigo a diferença em seus novos elementos. A diferença sendo a chave para entender o pensamento de Deleuze.

A repetição caminha em direção à singularidade, de novo diferente, com isso sem identidade, com isso a repetição, ao invés de trocar as semelhanças e de identificar o mesmo; a verdadeira repetição está na diferença que virá por ocorrer. Dentro de toda repetição sempre está presente o retorno da diferença, na medida que algo está relacionado a uma repetição de ordem diferente da sua, a repetição aparece por suas vezes exterior, física e nua e estando submetida à categoria da generalidade.

Agora, partindo da perspectiva freudiana podemos categorizar que a repetição toma esse valor de sintoma ao ser representado como compulsão, atos falhos e recalques, tornando a repetição freudiana esse elemento de atuação sobre realidade objetiva, mas na forma em que foi vivido ou imaginado. A imaginação sendo a conexão do passado ao presente, o elemento repetido, disfarçado como o novo presente, isto é, os termos atuais da repetição escondidos são considerados somente como representações do sujeito, representações conscientes e inconscientes, recalcentes e recalçadas. Submetendo a repetição a esse elemento de identidade antigo ao novo.

Com isso, podemos concluir que tal quanto a repetição para Deleuze e Freud tem o mesmo trajeto, a ponto de Deleuze enfatizar que toda reprodução do mesmo traz consigo o novos e diferenças e para Freud que constrói

que toda memória antiga que retorna ao sujeito recalcanete traz com ele novas facetas para esse sujeito. Nos levando a concluir que tanto Deleuze quanto Freud defendem a ideia que toda repetição traz consigo elementos novo e diferentes. A repetição tornando-se assim esse elemento de mudança, transformação e rememoração que traz consigo novas e velhas

perspetivas, fazendo revivermos traumas sofridos em nossas infâncias, mas também nos levando a re-imaginarmos esses traumas como novas roupagens, também produzido o novo sobre esses elementos replicados pois não pode haver duas árvores iguais em essência, pois todos os elementos formadores fazem dessa árvore ter seu caráter única e insubstituível.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo e ATALLAH, Raul. **O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica**, ágora (Rio de Janeiro) v. XI n. 2 jul/dez 2008 ,203-218.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. António M. Magalhães. Porto: RÉS-Editora Lda, 2001.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**; tradução Luiz Orlandi, Roberto machado. Rio de janeiro: graal,2006.

DELEUZE, G. **Logica do Sentido**; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de são Paulo, 1974.

FREUD, S.1856-1939. **Além do princípio de prazer** = [jenseint des lustprinzips] /Sigmund Freud; tradução e notas maria Rita salzano Moraes; revisão de tradução pedro Heliodoro Tavares.1. ed; Belo horizonte: autêntica, 2020.

FREUD, S. **recordar, repetir e elaborar (1914)** novas recomendações sobre a técnica da psicanalise II. título original: oerinnern,wiederholen und durcharbeiten.(waitere ratschloge zur ttechnik der psychoanalyse II)[volume complementar], PP. 205-15. Esta tradução foi publicada originalmente no jornal da psicanalise sociedade brasileira de psicanalise de são Paulo, V. 27, N. 51, 1994.

SILVA, T. **Guia de Leitura "Introdução" Gilles Deleuze, Diferença e Repetição**, Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul,